



Reach Capital
Carta Trimestral

janeiro, fevereiro, março

2022

Não só verde, mas esverdear ▾



Ex-ante

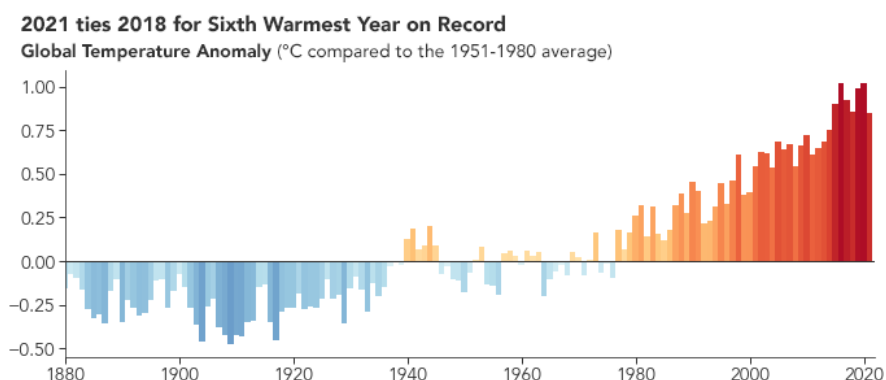
A Eneva em 2017 conseguiu o que muitas empresas em dificuldade tentam: o “*turnaround*”. Encerrando o capítulo de reestruturação societária e financeira, fizeram o re-IPO e passaram a olhar para o futuro com bons ativos, bons projetos e uma ótima liderança. Dois anos depois, um novo obstáculo – o advento do ESG no mercado de capitais colocou seu modelo de negócios à prova – uma empresa de geração elétrica a base de combustível fóssil poderia financiar seu crescimento?

A transição energética passou para o dia a dia das empresas. O carbono e os gases de efeito estufa deixam de ser apenas externalidades e passam a ter preço. O balanço de emissão poderá afetar desde o *valuation* até a perenidade da companhia. Consumidores, investidores, governos e sociedade colocaram em ação uma agenda ambiciosa: a emissão zero de CO₂ de energia e processos industriais até 2050.

O mundo em 2050

Desde o acordo de Paris em 2015 (COP21), os países aumentaram a ambição de descarbonização global. Um compromisso de 70% dos maiores emissores de CO₂ visando a redução significativa ou até mesmo o carbono-neutro (*net-zero*). O IPCC (*Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas*) das Nações Unidas, liderado por diversos cientistas, estima que a temperatura média global da Terra aumentou em 1,1°C relativo ao período pré-industrial.

No período de 1951-1980 foi quando se deu os primeiros estudos sobre impactos na atmosfera em função do CO₂ e gases de efeito estufa. Na época, o grande vilão era o CFC dos *sprays* aerossóis.



1951-1980 é a referência definido pelo U.S. National Weather Service. Fonte: Earth observatory, nasa, 2021

A Covid19 interrompeu as discussões globais sobre o aquecimento global, porém com o arrefecimento da doença o mundo volta os olhos à agenda sustentável.

O plano é limitar o aumento em 1,5° C até 2100 através da redução de emissão dos gases de efeito-estufa (*greenhouse gases*), principalmente dióxido de carbono e oxido nitroso.

A Agência Internacional de Energia (IEA) fez estudos utilizando os pleitos do Acordo de Paris e mesmo com os países cumprindo todas as metas, ainda serão insuficientes para estabilizar a temperatura.

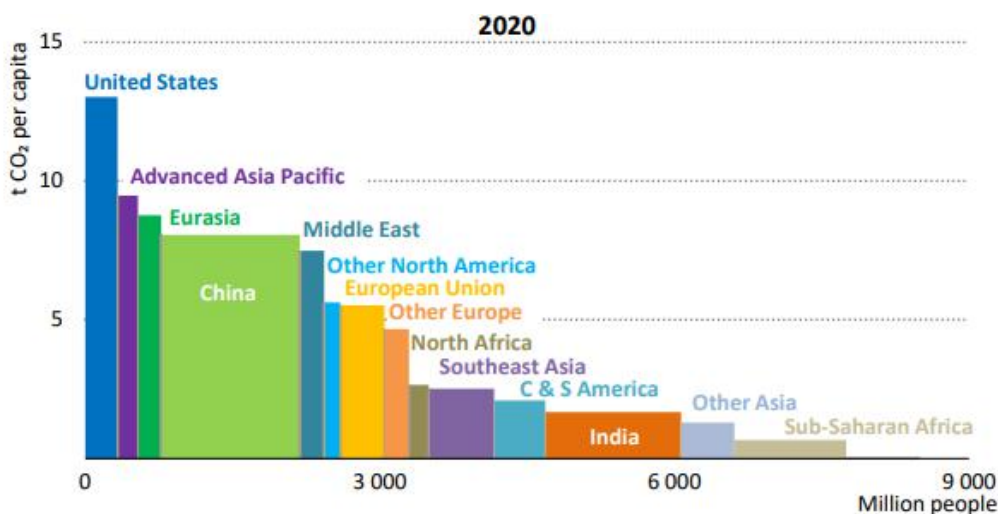
Hoje, 770 milhões de pessoas vivem sem acesso a eletricidade, sendo que sua maioria localizada na África e países asiáticos em desenvolvimento e é estimado que durante a COVID-19 em 2020 até 90 milhões de pessoas perderam a condição de acesso a energia por conta de escassez e alto custo.

Além disso, o continente africano passa por um franco crescimento. Tanto populacional, mais de 2 bilhões de pessoas até 2050, quanto econômico, na média 4% a.a. de PIB.

Mais energia, menos carbono

A discussão hoje é como conciliar a inserção energética, sem renunciar ao meio ambiente.

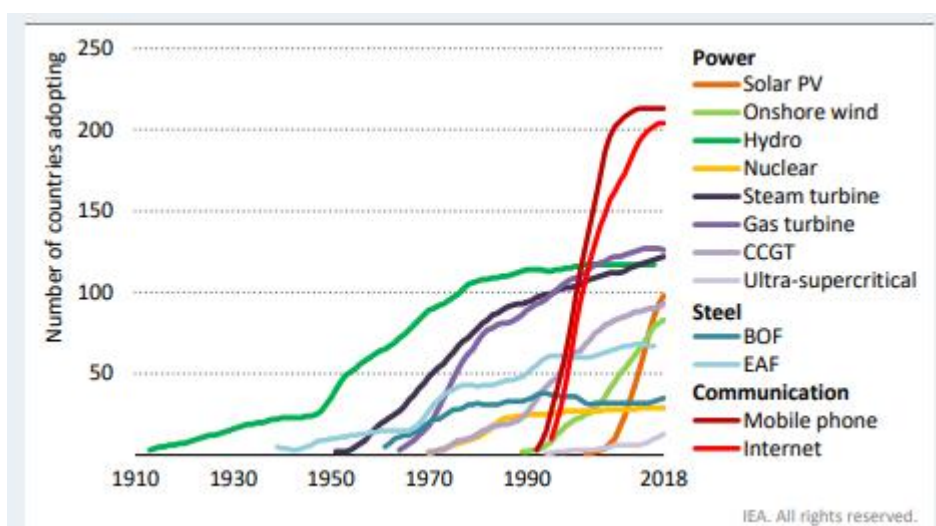
Logo, nem todas as transições serão iguais – são realidades distintas para algumas economias que podem e devem fazer a transição, a começar pelos maiores emissores de CO₂ per capita, vis-à-vis alguns países sem universalização da eletricidade.



O papel da tecnologia e sua difusão vai ser essencial nesta transição. Historicamente, muitas tecnologias em energia se difundem lentamente, são décadas separando as economias desenvolvidas das emergentes e em desenvolvimento.

Desta vez a difusão tecnológica vai ser mais rápida, similar à de telefonia/internet em um modelo descentralizado, baixa regulação e pequeno porte. Só neste ano por exemplo, a capacidade geração de energia solar no Brasil será superior a Itaipu.

Muitos países desenvolvidos estão se re-industrializando com fábricas de painel solar, inversores, turbinas, bateria, carro elétrico – após a transição energética deles, todos os esforços estarão em atacar o mercado consumidor dos países em desenvolvimento.



Número de países que adotaram a tecnologia selecionada 1910-2018. Fonte: IEA

Os combustíveis fósseis são nocivos ao meio-ambiente, sem dúvidas, porém são essenciais à vida até que tenhamos a transição e universalização energética.

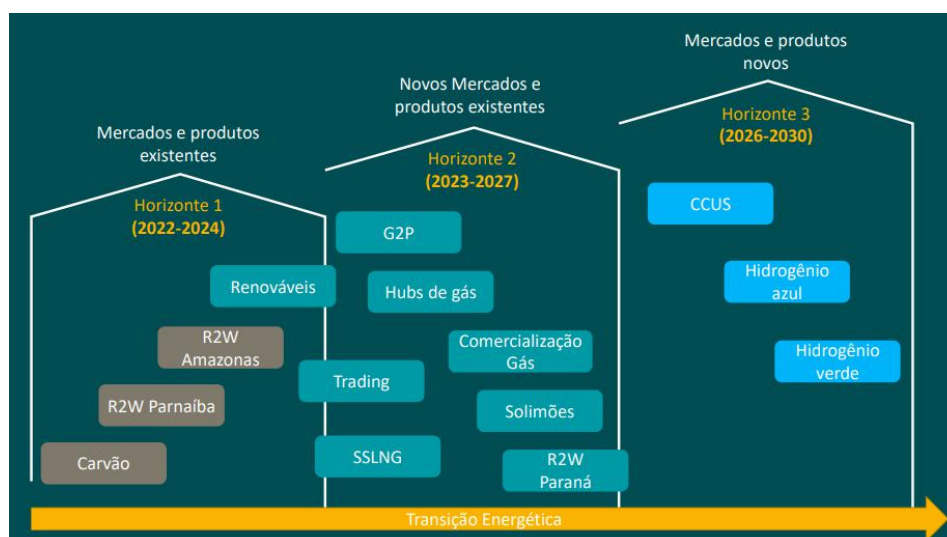
“quanto ao futuro, não se trata de o prever, mas de o tornar possível”
– **Antoine de Saint Exupéry**,
Citadelle, 1948 - tradução livre

A jornada

No meio da discussão sobre ESG, a Eneva se posicionou como uma provedora da transição energética, reconhecendo o protagonismo das energias renováveis, oferecendo a retaguarda – a energia de potência necessária para o crescimento das intermitentes (quando para de ter sol, chuva e vento).

No ano de 2021, as empresas *small-caps* (pequeno porte) sofreram com resgate de fundos e pessoas físicas migrando da renda variável para renda fixa. Dentre essas empresas, a Focus Energia, focada em geração hídrica e solar e com um imenso potencial de crescimento.

A Eneva acabava de adquirir a Focus e reescreveu sua história, passando de coadjuvante para protagonista na transição energética.



Transição energética da Eneva – do carvão ao hidrogênio verde. Fonte: Companhia.

A jornada de transição energética das empresas é cada vez mais importante, não somente pelo que são hoje, mas pela ambição e posicionamento que o time de executivos e conselheiros tem para o desafio global, ainda que estejam no início.

Faz parte da gestão do capital que nos foi confiado, otimizar a alocação de capital nos termos de reduzir impacto ambiental, desigualdade social e alinhamento de interesses dos “*stakeholders*” da empresa.

A nova economia energética será de fato mais eletrificada, interconectada e limpa. O petróleo, assim como toda forma de energia, chegou para resolver um problema e criou outro. É uma jornada constante e essa transição está só começando.

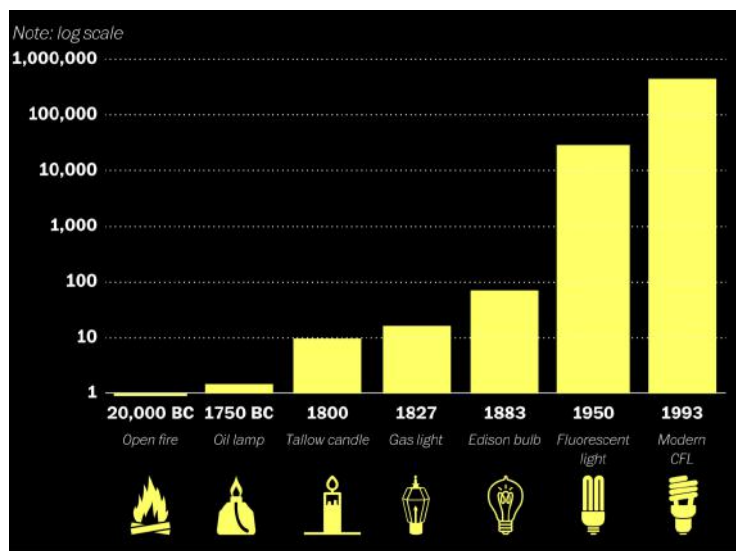
"Às vezes, é a jornada que
lhe ensina mais sobre o seu
destino." – **Drake**
Tradução livre

A energia, uma constante evolução.

Até o século XVIII, a lenha era o principal insumo energético e foi substituído pelo carvão. O aquecimento de Londres e grandes centros urbanos acontecia por este insumo, bem como manufatura de vidro, sal, destilados, tingimento e fundição.

No século XIX, um trabalhador comum precisava trabalhar 60 horas para ter 10 horas de luz de vela. Com a eletrificação, a partir das lâmpadas de Thomas Edison no final do mesmo século, já eram quase 100 horas de luz. Hoje com as tecnologias modernas como LED em iluminação e geração renovável, o custo é insignificante.

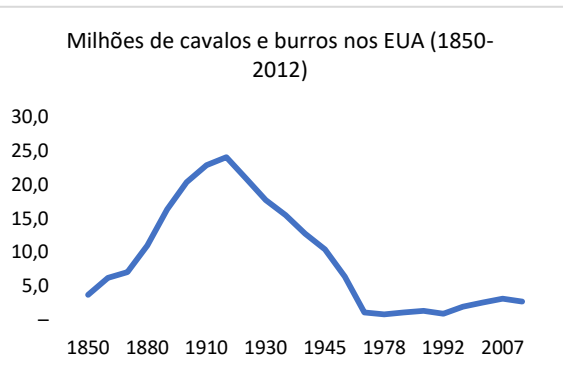
Horas de luz (equivalente a uma lâmpada) que alguém conseguia comprar com 60 horas de trabalho.



Fonte: William Nordhaus, Washington Post

No mesmo século, a comodidade do transporte se tornou uma grande questão de saúde urbana, no pico haviam mais de 100mil cavalos na cidade de Nova Iorque. Com mais de 15mil cavalos morrendo por ano e produzindo mais de mil toneladas de esterco por dia, o modo de viver na cidade havia se tornado insustentável.

A solução veio pelos veículos de combustão interna, bondes elétricos e transporte coletivo a combustível fóssil. Como toda solução, um novo problema – o motor a combustão reverteu a crise sanitária nas cidades, porém trouxe um novo desafio ambiental.



Fonte: USDA Census of Agriculture

Em 1853, mais de 120mil passageiros eram transportados diariamente em carroças pelas ruas de Nova Iorque.

O petróleo como conhecemos

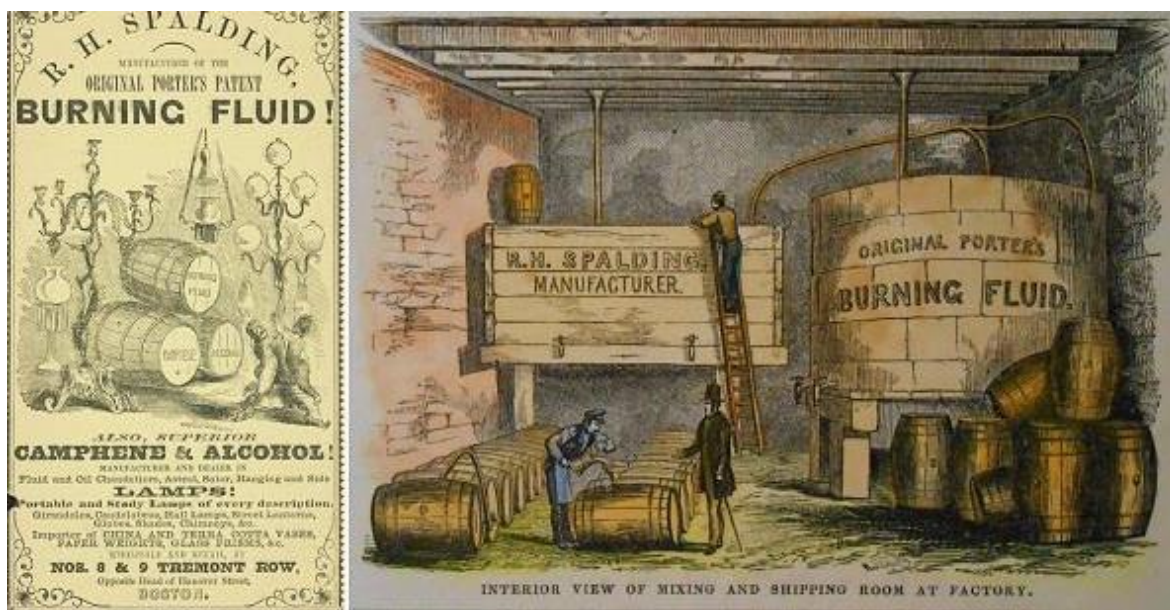
O estado de Pensilvânia é considerado o berço da indústria petroleira e em especial por duas personalidades: Samuel Kier e Coronel Drake.

Kier foi um empresário do século XIX, atuando em diversas indústrias como sal, carvão, transporte, siderurgia e por último, petróleo.

Em sua empresa de sal, os poços de extração começaram a se encher de petróleo – até então um subproduto acidental, sem valor econômico – porém, percebeu que ali havia valor, o condensado preto era inflamável. Começou a testar diversas formas de monetizar aquele produto até chegar na primeira refinaria do mundo e obter o querosene.

Na época, o óleo de baleia estava cada vez mais escasso e, para financiar a Guerra Civil nos EUA, foi criado um imposto sobre canfeno, álcool e outros óleos, todos utilizados para iluminação pública.

Geralmente, escassez ou preço alto resultam em mudanças tecnológicas, porém no caso tivemos o adicional de grandes forças políticas e sociais, permitindo que o querosene se consolidasse como o insumo mais utilizado para iluminação.



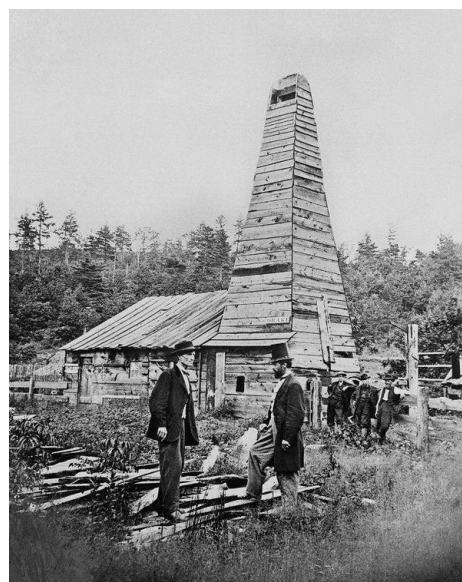
Com a demanda cativa para iluminação, dois empreendedores fundaram a *Seneca Oil* (na época *Pennsylvania Rock Oil Company*), procurando um óleo compatível com a refinaria de Kier na região.

Drake, um ex-operador de trem, conheceu os dois fundadores da *Seneca Oil* após ficarem no mesmo hotel e recebeu uma proposta: explorar e produzir petróleo em Titusville, Pensilvânia. Até então o único meio de produção conhecido era exsudação, ou seja, o petróleo subir naturalmente até a superfície – limitado a pouquíssimas regiões.

Após uma frustrada tentativa de aplicar técnicas de mineração e ter seus poços inundados por água, Drake encontrou na extração de sal a solução perfeita. A mesma técnica é utilizada até hoje, uma perfuração de dentro dos dutos sem que o buraco do poço se colapse com a água.

Ainda que não tenha sido o primeiro poço de petróleo, foi a partir deste que se inaugurou uma grande onda de investimentos em perfurações, refinarias e desenvolvimento, considerado o marco inicial da indústria petrolífera.

A iluminação foi a primeira aplicação do petróleo, porém hoje são diversas devido à sua portabilidade (facilidade de transporte e armazenagem), calor específico (quantidade de calor por peso) e propriedades químicas.



Poco de Drake em Titusville, Pensilvânia, 1859

Os hidrocarbonetos mudaram o mundo. A eletrificação e novas tecnologias vão mudar o mundo novamente. A transição significa que ainda não é o fim para produtores de petróleo, em especial para um caso que nos chamou atenção.

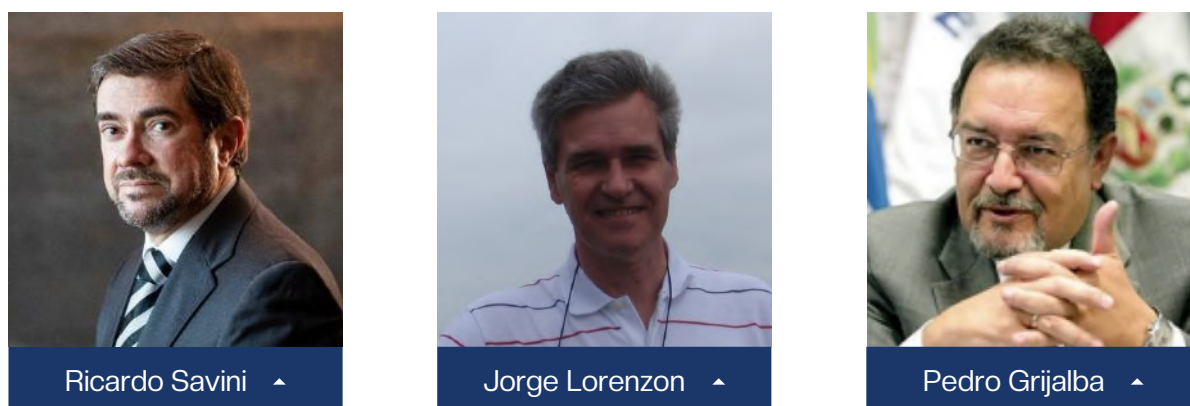
Três empresas, o mesmo time



A Perez Compac era uma *holding* familiar na Argentina e, em 1960, resolveu entrar no ramo de energia, fornecendo serviço de perfuração para a YPF (maior empresa de petróleo Argentina). Passa então a ter produção própria de petróleo e até que em 1992 assume o posto de segunda maior produtora da Argentina, perdendo apenas para a estatal YPF.

Os acionistas estavam felizes, haviam multiplicado seu capital em mais de 100x. A empresa expande sua atuação para Equador, Brasil, Peru e Colômbia e o escopo das atividades, aplicando técnicas de produção de petróleo para aumentar a recuperação.

Core inicial da 3R

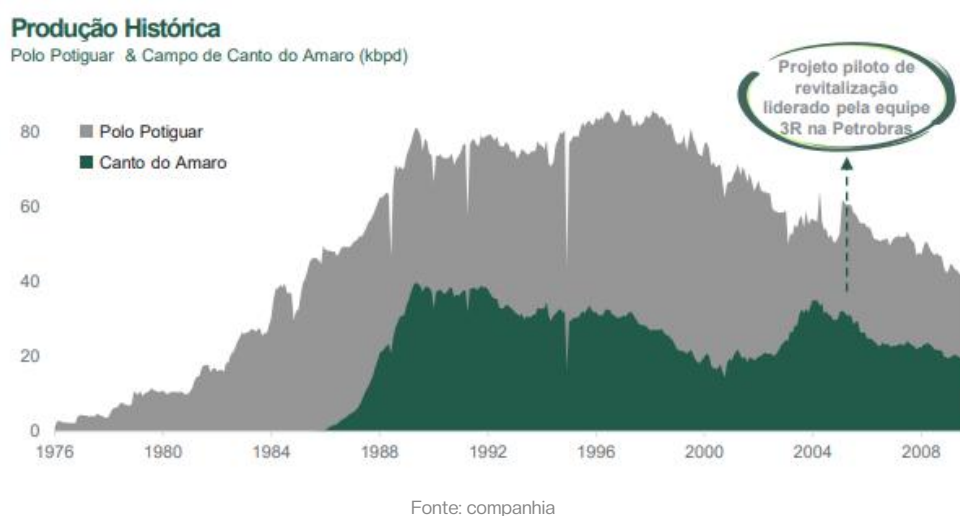


Foi no final dos anos 90 que Savini, Lorenzon e Grijalba tiveram a chance de se conhecer e trabalhar juntos na Pérez Compac Venezuela.

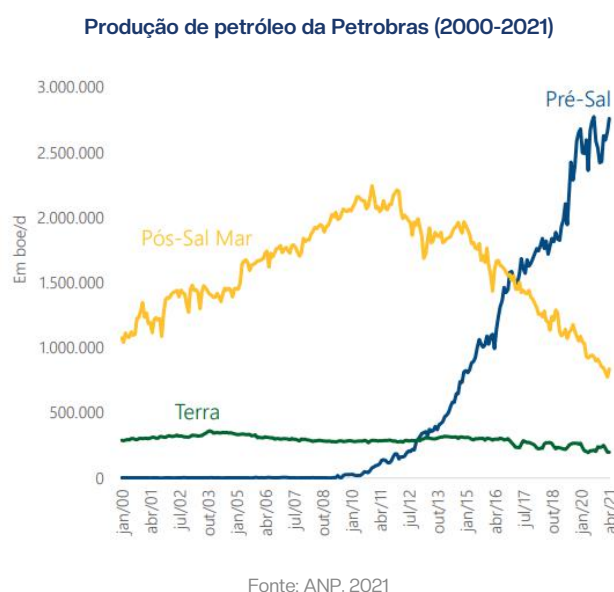
Savini, um experiente geólogo da Petrobrás havia se interessado pelo desafio de produzir na Venezuela e Equador, utilizando técnicas de estimulação de produção.

A crise econômica na Argentina fez com que a Perez Compac fosse colocada à venda e a Petrobras viu uma oportunidade de expandir sua área de domínio para América Latina, além de transferência de *know-how*.

Em 2003, de volta a Petrobrás, a equipe pode colocar em prática as técnicas em uma produção *onshore* (em terra) no RN.



Apesar do enorme sucesso de incremento de produção, em 2006 o projeto conhecido como RECADE foi interrompido e os esforços destinados para um único lugar. A Petrobras havia descoberto a maior reserva mundial de petróleo e gás em águas profundas: o pré-sal.

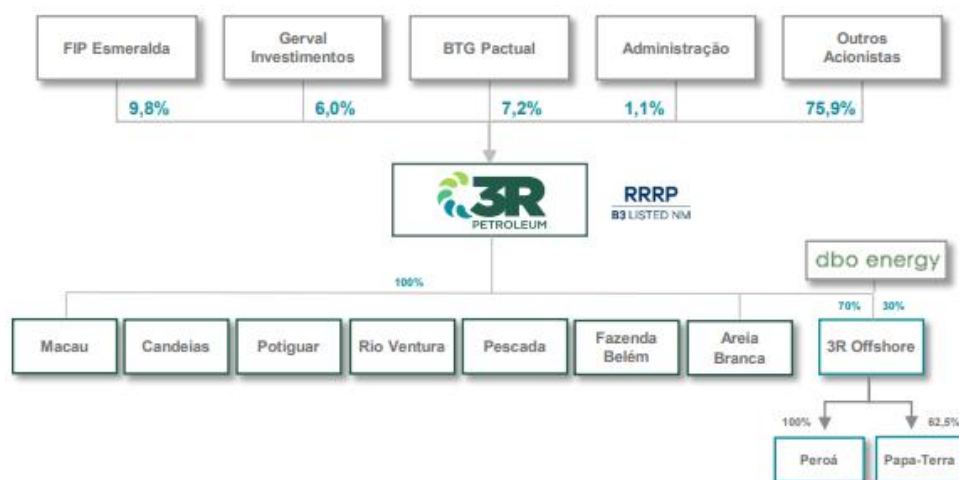


O ano de 2017 marcou o fim de uma era para Petrobrás. Após muitos investimentos (alguns controversos), alto endividamento e operação Lava-Jato, a empresa precisou reposicionar sua estratégia. Passou a focar somente na produção em grandes campos marítimos e anunciou o desinvestimento de diversos ativos, incluindo campos maduros.

Os experientes do setor tinham uma oportunidade de empreender, era vez do brasileiro Savini, o argentino Lorenzon e o peruano Grijalba fundarem uma empresa para adquirir os ativos da Petrobrás.

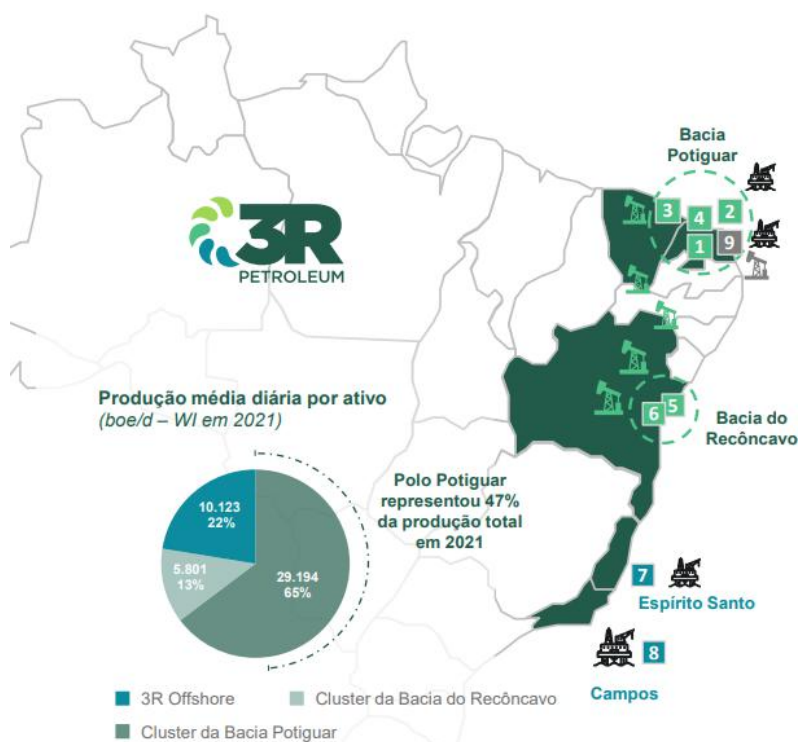
3R: Redesenhar – Revitalizar – Repensar

A 3R é uma empresa júnior de produção de petróleo, um nicho de pequenos produtores até 100mil barris por dia, focada em revitalização de campos maduros *onshore* e *offshore*. Tendo como acionistas de referência o *Private Equity Starboard*, o banco de investimentos BTG e a Gervál (*Family office* da família Gerdau).



Estrutura acionária. Fonte: companhia.

Nos últimos 3 anos adquiriu 9 ativos da Petrobrás e atualmente produz cerca de 55mil barris de óleo equivalente por dia.



Fonte: ANP e companhia

Os ativos foram adquiridos quando havia menor competição de compradores e o petróleo estava perto de \$60/barril, resultando num portfólio de ativos de alta qualidade e com muito *upside* (expectativa de valorização).

Preços do Brent e Datas de Assinatura dos Ativos

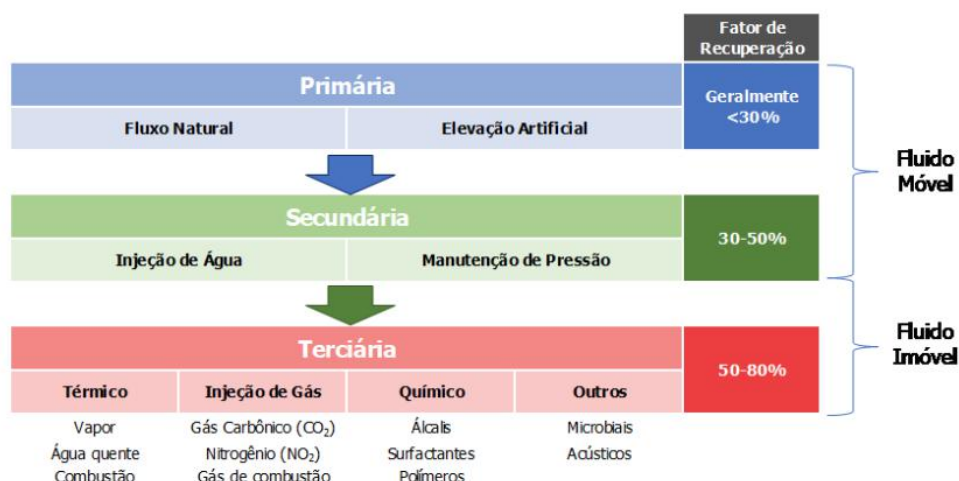


Fonte: companhia.

Revitalização

Estima-se que dois terços da produção global de petróleo venham de campos maduros, aqueles que produzem por mais de 25 anos ou já produziram mais de 70% de sua capacidade.

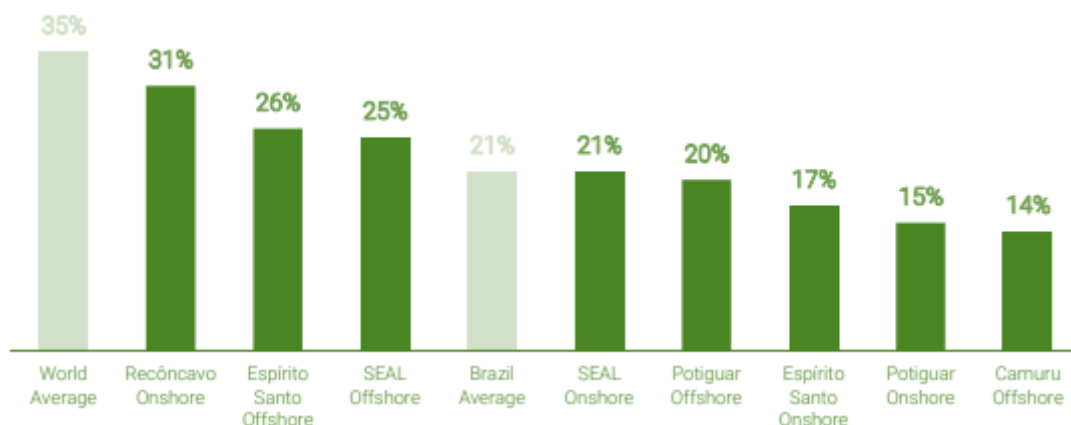
A técnica de revitalização consiste em três etapas:



Fonte: CBIE

1. Reativação de poços e manutenção de equipamentos;
2. Perfuração de outros poços para injeção de água nos campos e "workover", aumento da pressão no poço;
3. Utilização de calor (geralmente injeção de vapor), gás, químicos (detergentes) para aumentar o fator de recuperação.

O fator de recuperação (FR) é definido por quanto de petróleo é possível extrair (produzido e a produzir) dividido pela reserva total.



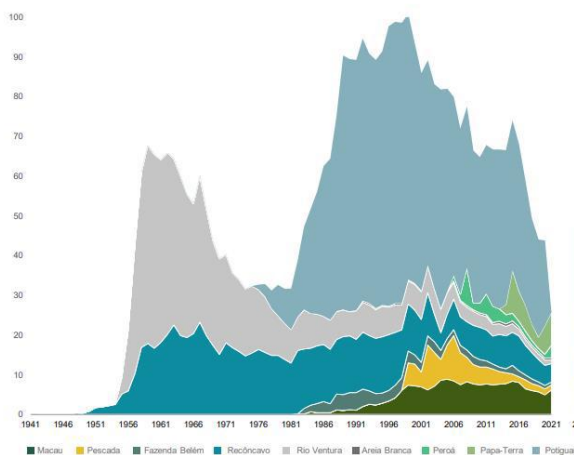
Fonte: 3R, ANP e XP

No Brasil, já produzimos 10% dos volumes descobertos em campos, havendo 11% restantes para produção (somando, os 21%), ainda distantes da média global de 35%.

A cada 1% de incremento no FR significa um aumento de reserva de 200mm barris no *onshore* ou 2,4 bilhões de barris no Brasil (*onshore* e *offshore*).

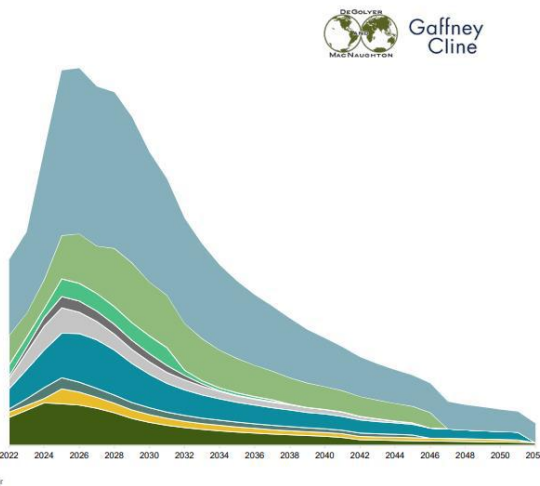
Histórico de produção dos ativos da 3R e produção esperada com trabalho de revitalização.

Produção Histórica de O&G de ativos 3R
(mil boe/dia)



Produção Futura Estimada de O&G de ativos 3R¹

(mil boe/dia) | Estimativas dos relatórios de certificação Degolyer and MacNaughton & Gaffney Cline



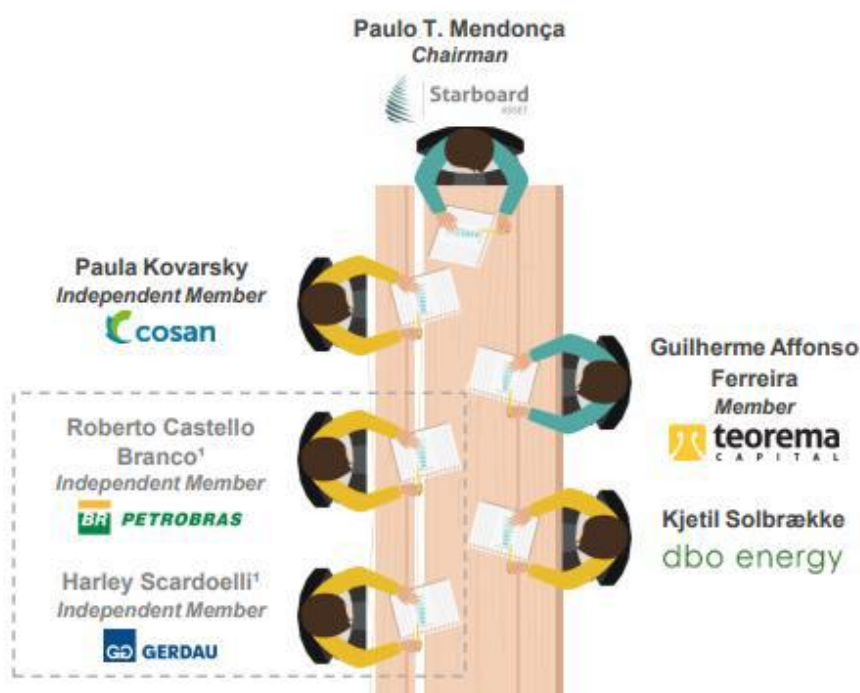
Fonte: companhia.

Repensar

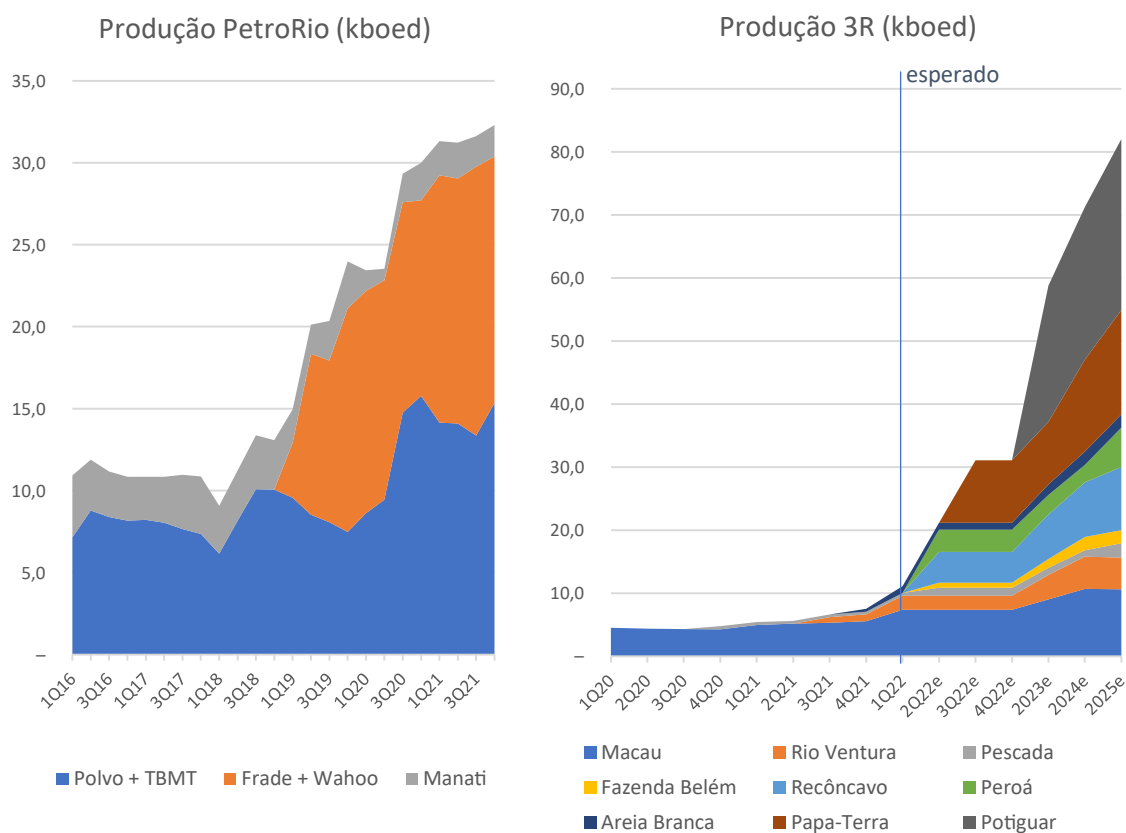
A empresa trouxe para seu time grandes executivos da Petrobrás. Ainda que não tenhamos um risco de exploração significativo, a produção envolve riscos de execução, principalmente na revitalização. Somado a isso, a volatilidade no preço da *commodity* e câmbio – ter pessoas com mais de 30 anos de experiência no setor, senso de dono e que já trabalharam juntas são cruciais para o sucesso.

Além dos três originários da Perez Companc, juntaram-se ao time Hugo Repsold, um experiente líder da Petrobrás que atuou desde a produção até estratégia (de gás, abastecimento e ativos da companhia) e Maurício Diniz, um veterano do *offshore*, ambos com muito conhecimento dos ativos adquiridos pela 3R.

Uma ótima liderança em campo, também necessita de discussões sobre alocação de capital e estratégia de longo prazo, trabalho incumbido ao conselho de administração. No dia 29 de abril de 2022 tivemos a eleição de Roberto Castello Branco, ex-executivo da Vale e ex-CEO da Petrobras e Harley Scardoelli, ex-CFO da siderúrgica Gerdau para o conselho, reforçando o senso de dono e melhora de governança.



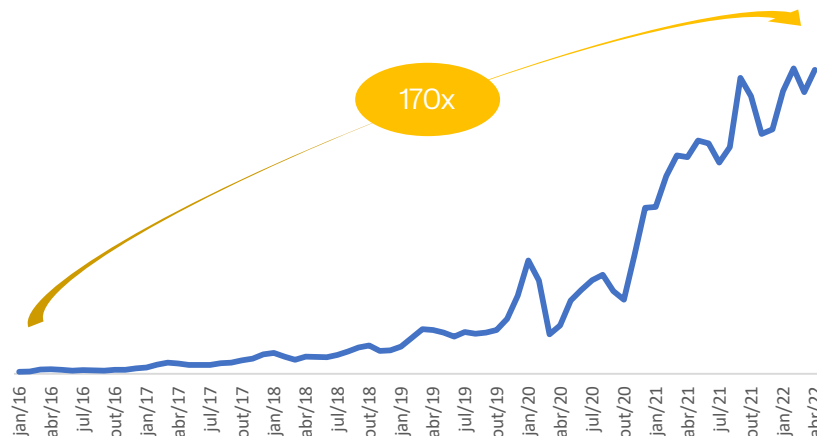
A grande dúvida do mercado está na capacidade de entrega do incremento de produção. Não é novidade! No caso de Petrorio (antiga HRT Petróleo) a história foi semelhante.



Foram necessários alguns anos para que o mercado precificasse corretamente a Petrorio. *Track-record* é algo que se constrói com entregas e tempo.

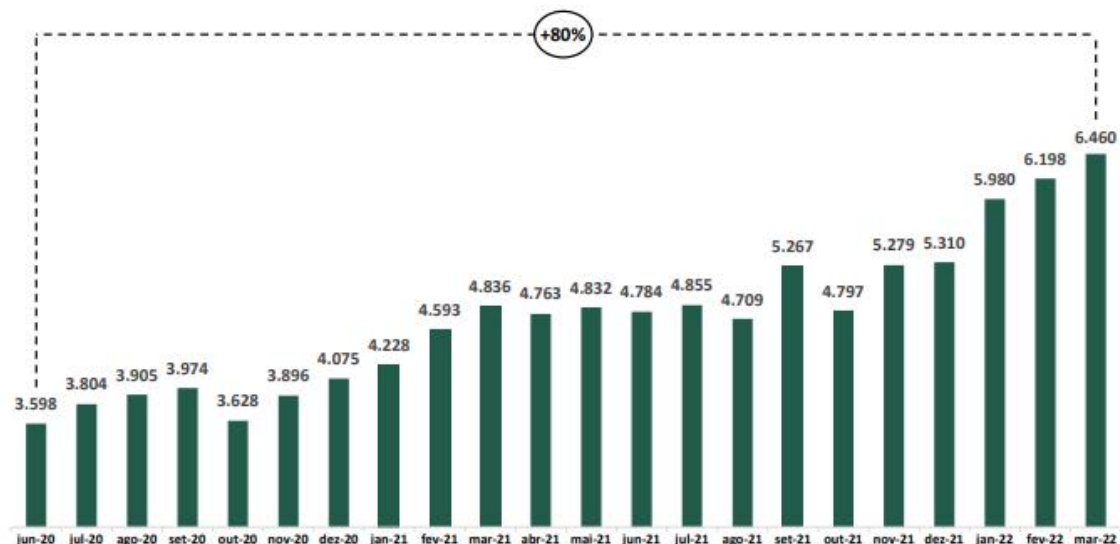
As técnicas de produção com uso de *tie-back* (técnica de ligar diversos campos a uma mesma plataforma), estimulação de reservatório, estrutura super enxuta eram novidade. Havia ainda um grande preconceito contra as empresas juniores devido a histórias recentes como a OGX.

Ação da Petrorio (PRIO3)



O primeiro ativo da Petrobrás adquirido pela 3R, o campo de Macau na Bacia do Potiguar (RN), já está operando com incremento de 80% no volume somente com as técnicas primárias de revitalização: a reativação de poços e a manutenção de equipamentos.

No segundo semestre de 2022, a companhia espera realizar as técnicas de perfuração e *workover* e o sucesso desta etapa deverá trazer a mitigação de risco de execução da tese.



Fonte: companhia.

Exploramos aqui os principais riscos e oportunidades à tese:

Strenghts

- Time com longa experiência operacional
- Cultura de crescimento com foco em retorno (*M&As* e investimentos)
- Receita em moeda forte e independente de economia doméstica
- Liderança em custo com *lifting cost* no 1º quartil de mercado
- Infraestrutura própria de *upstream*
- Acionistas de referência e longo prazo
- Novo Mercado – B3 (governança)

Weaknesses

- *Price taker* na commodity
- Problema de execução na revitalização e *workovers*
- Descomissionamento de poços subestimado
- Algum acidente ambiental
- Aquisições não racionais visando crescimento da empresa

Opportunities

- *Pipeline* de outros ativos a venda
- Exploração adjacente a blocos produtores
- Fusão com empresas semelhantes
- Verticalizar processos de sonda e *workover*
- Cindir operação de *upstream* em Polo Potiguar para parceiro estratégico
- Monetizar molécula de gás natural no mercado livre

Threats

- Taxação sobre exportação de petróleo
- Mudança regulatória na ANP e órgãos de licença para operação
- Intervenção política com finalidade de estatização de recursos naturais
- Inelegibilidade para captar recursos de dívida por questões climáticas

Após uma valorização de mais de 100% desde seu IPO, esperamos ainda um *upside* em mais de 80%. Destacando que as principais variáveis para o valuation são o preço de longo prazo do petróleo e o câmbio (dólar/real), temos RRRP3 a:

		Brent (US\$/baril)				
		55.0	57.5	60.0	62.5	65.0
BRL/USD	4.50	56.2	62.5	68.9	75.3	81.7
	4.75	61.2	67.9	74.7	81.5	88.3
	5.00	66.3	73.4	80.5	87.7	94.8
	5.25	71.4	78.9	86.4	93.9	101.4
	5.50	76.5	84.3	92.2	100.1	107.9

Consideramos que o petróleo deve continuar com volatilidade e em níveis elevados nos próximos anos. A transição energética deverá trazer à tona a discussão sobre alocação de capital entre as produtoras de petróleo: se retornar o capital ao acionista ou ela investir em renováveis.

Enquanto isso, entendemos que maximizar a eficiência da produção dos campos já descobertos é a melhor função social e econômica. Dentre as especialistas em revitalização de produção, a 3R com maior atratividade em termos de risco-retorno.

Palavra do gestor ▾

Começamos 2022 esperando ver a pandemia no retrovisor. Com isso, os problemas que vieram com o COVID, como a inflação alta, também voltariam gradualmente ao normal. Ledo engano. Estamos no terceiro ano da pandemia e ela continua vivíssima e determinando pelo menos três dos principais acontecimentos no mundo:

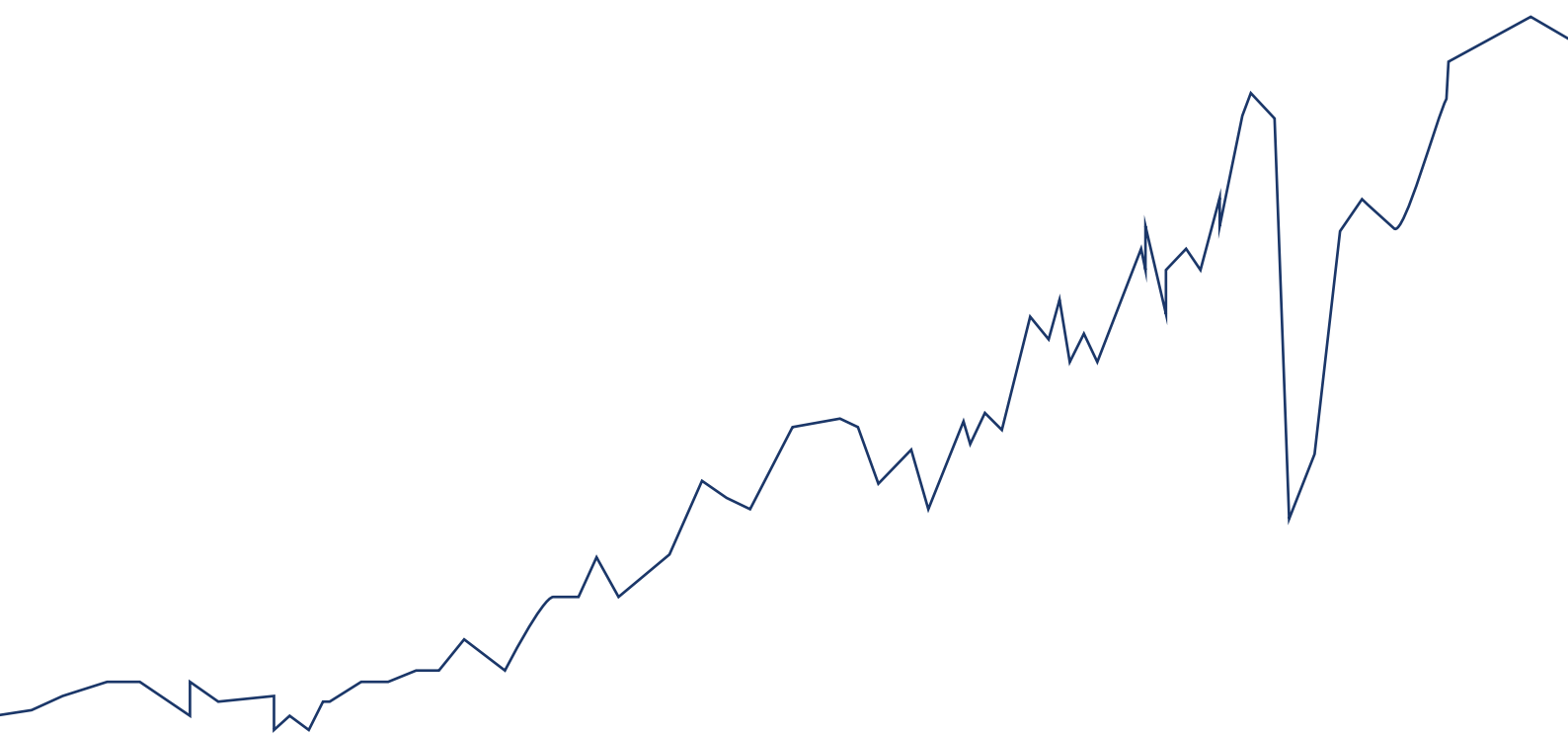
- (1) Nesse momento, 44 das 100 principais cidades chinesas estão em *lockdown* severo. O principal centro financeiro da China, Xangai, está em *lockdown* há mais de um mês. Os bloqueios sanitários têm feito analistas revisarem suas projeções para o crescimento chinês e a demanda por *commodities* para baixo de forma importante. É difícil precisar até quando irão os bloqueios, mas sabemos que em outubro Xi Jin Ping será nomeado para o 3º mandato e até lá o apetite para mudar a política de tolerância zero ao COVID é bem reduzido.
- (2) O preço elevado de *commodities* por conta do desequilíbrio entre oferta e demanda oriundo da pandemia fez com que a Rússia se sentisse em posição de vantagem suficiente para empreender uma aventura de expansão territorial em pleno século XXI. Ao fazer isso, ela amplificou os gargalos nas cadeias de suprimento mundiais, não só por conta dos embargos e sanções aplicadas pelos países ocidentais, mas também pelo risco do plantio na Ucrânia e as dificuldades logísticas no Mar Negro. Essa guerra parece ter vindo para durar e deve permanecer prejudicando a oferta e consequentemente pressionando preços de *commodities*.
- (3) A alta da inflação provocada pela escassez de mercadorias durante o COVID e aprofundada pela guerra na Rússia terminou sendo mais permanente do que o inicialmente projetado, fazendo com que os Bancos Centrais dos países centrais se comprometessem com um programa relevante de retirada de estímulo monetário. Esse programa deve terminar em meados de 2023, mas tem risco de ter sua duração estendida e magnitude ampliada.

Para o Brasil, o choque positivo dos preços das *commodities* causado pela guerra no leste europeu trouxe muito fluxo, na medida em que o país virou um dos principais fornecedores do que passou a faltar no mundo. Por outro lado, a desaceleração da China por conta dos bloqueios sanitários reverteu essa tendência. Em prazo curto a desaceleração chinesa deve prevalecer fazendo preço, mas é algo pontual e que deve ser revertido no segundo semestre do ano.

Em contrapartida, o excesso de demanda de commodities de países confiáveis e não agressores está aí para ficar e deve continuar a ajudar o país e suas empresas a captar recursos e se desenvolver. Vemos boa perspectiva para as empresas de crescimento mais dependentes de baixas taxas de juros no segundo semestre quando o processo de desinflação se tornará evidente e com isso a curva de juros futuros deve começar a mostrar alívio, já impactando as avaliações das empresas.

Conseguimos aproveitar bem esses movimentos. Ganhamos com posições vendidas em câmbio, tomadas em cupom cambial, short em S&P500 e Treasury. Com relação às nossas empresas, podemos destacar os ganhos em energia com 3R e São Martinho (essa última já liquidada), Mills que se beneficiou do aumento de utilização e preços depois de sofrer muito no último semestre e Banco BTG com resultados muito bons mais uma vez. Os destaques negativos ficaram por conta de Mercado Livre, que apesar de ser uma posição pequena caiu bastante com o aumento de juros, Usiminas, Vittia (que já subiu 50% nos últimos 6 meses) e nosso short em Taesa.

Aproveitamos a subida do índice até os 120 mil pontos para diminuir a posição em bolsa para níveis baixos historicamente dos fundos e estamos esperando o melhor momento para voltar a comprar. Enquanto isso, esse caixa está aplicado em CDI.



Resultados ▾

Reach Total Return

Performance desde o início CVM- 29 Dez 16

	2017		2018		2019		2020		2021		2022	
Mês	Reach	IMA-B	Reach	IMA-B	Reach	IMA-B	Reach	IMA-B	Reach	IMA-B	Reach	IMA-B
Janeiro	13,2%	1,9%	7,2%	3,4%	12,3%	4,4%	0,0%	0,3%	-4,6%	-0,9%	4,8%	-0,7%
Fevereiro	6,3%	3,8%	2,3%	0,5%	0,6%	0,5%	-4,6%	0,4%	1,5%	-1,5%	-2,5%	0,5%
Março	-3,0%	1,0%	1,1%	0,9%	-4,5%	0,6%	-32,1%	-7,0%	2,8%	-0,5%	7,5%	3,1%
Abril	2,3%	-0,3%	2,4%	-0,1%	1,7%	1,5%	13,0%	1,3%	4,4%	0,7%		
Mai	-3,1%	-1,2%	-2,1%	-3,2%	1,2%	3,7%	13,4%	1,5%	4,4%	1,1%		
Junho	4,2%	0,2%	1,8%	-0,3%	3,6%	3,7%	11,2%	2,0%	1,4%	0,4%		
Julho	5,6%	4,0%	1,0%	2,3%	3,1%	1,3%	9,2%	4,4%	-3,9%	-0,4%		
Agosto	8,3%	1,3%	-0,7%	-0,4%	0,8%	-0,4%	0,3%	-1,8%	-2,9%	-1,1%		
Setembro	3,9%	1,8%	3,9%	-0,1%	1,2%	2,9%	-4,7%	-1,5%	-7,9%	-0,1%		
Outubro	3,1%	-0,4%	2,2%	7,1%	1,7%	3,4%	0,5%	0,2%	-11,3%	-2,5%		
Novembro	-2,2%	-0,8%	4,2%	0,9%	3,2%	-2,5%	12,2%	2,0%	-1,3%	3,5%		
Dezembro	5,2%	0,8%	1,6%	1,6%	9,2%	2,0%	5,9%	4,9%	1,7%	0,2%		
Ano	52,1%	12,8%	27,4%	13,1%	38,4%	23,0%	15,1%	6,4%	-15,6%	-1,3%	9,9%	2,9%
Retorno Acumulado	52,1%	12,8%	93,7%	27,5%	168,2%	56,8%	208,6%	66,8%	160,3%	64,7%	186,0%	69,5%

*A partir de 29/12/2016



Reach Total
Return

186%

Rentabilidade Acumulada

* A partir de 29/12/2016

Ibovespa

99%

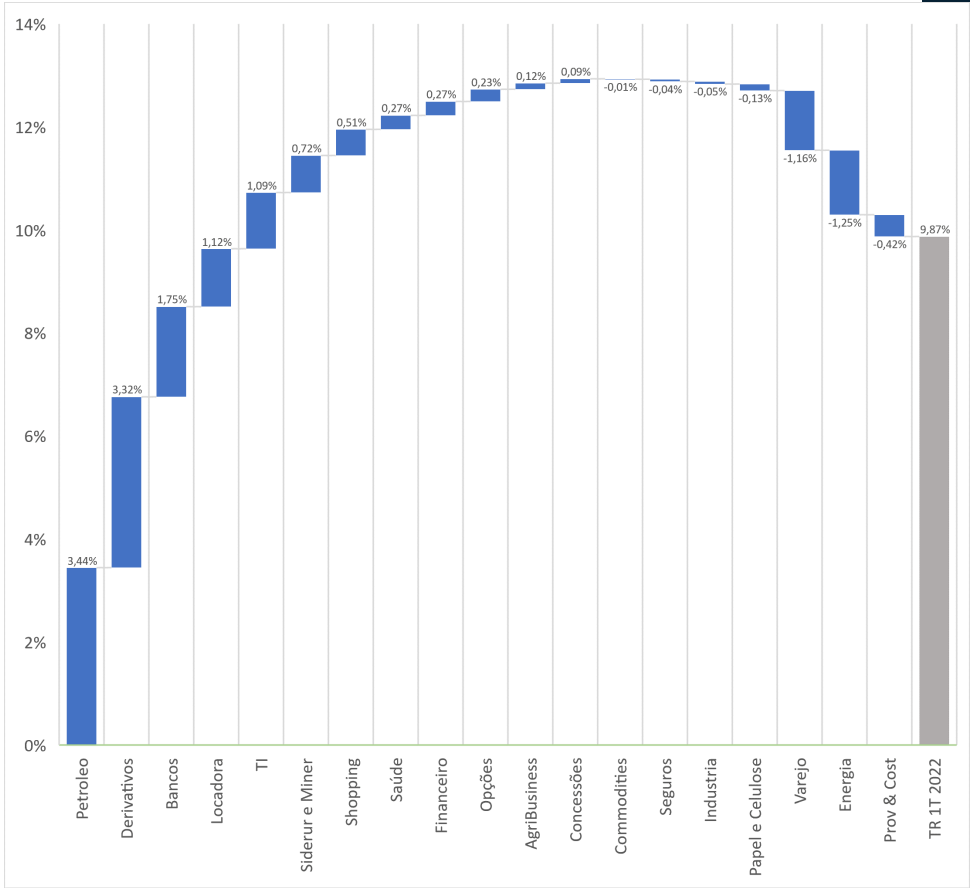
IMA-B

70%

CDI

36%

Composição da cota- 1º Trimestre 2022



Alocação Setorial

Petroleo	15,3%
Bancos	14,1%
TI	10,5%
Varejo	9,7%
AgriBusiness	9,2%
Siderur e Miner	8,6%
Papel e Celulose	8,2%
Locadora	6,4%
Shopping	3,1%
Seguros	2,9%
Saúde	1,7%
Industria	1,0%
Financeiro	-1,7%
Energia	-3,7%

Análise Estatística

Valor da cota em 31-03-2022	2,8614294
Patrimônio Líquido	R\$ 127,79
PL médio 12 meses	R\$ 131,8
Retorno anualizado desde o início	22,3%
Desvio padrão anualizado desde o início	24,6%
Rentabilidade 12m	-8,3%
Meses positivos	46
Meses negativos	17
Maior retorno mensal	13,4%
Menor retorno mensal	-32,1%

Informação Legal

Gestor	Reach Capital Investimentos LTDA
Administrador	BTG Pactual Serviços Financeiros S.A. DTVM
Custódia e controladoria	Banco BTG Pactual S.A
Auditor	EY
Domicilio	Brasil
Início	29 de Dezembro de 2017
Moeda base	Reais (R\$)
Ativos sob gestão	327 mi

Características

Taxa de administração	2,00 % a.a.
Taxa de performance	20% do que exceder o benchmark
Benchmark	IMA-B
Aplicação inicial	R\$ 10 mil
Movimentação mínima	R\$ 1 mil
Horário para movimentação	15h00
Prazo de cotização para resgate	D+30 (corridos)
Prazo de liquidação para resgate	D+2 (úteis)
Imposto de renda sobre o ganho de capital	15,0%
ISIN:	Bloomberg: MOGNFIA BZ Equity

Resultados ▾

Reach FIA

Performance desde o início CVM- 01 Dez 14

	2014		2015		2016		2017		2018		2019		2020		2021		2022	
Mês	Reach	Ibovespa	Reach	Ibovespa	Reach	Ibovespa	Reach	Ibovespa	Reach	Ibovespa	Reach	Ibovespa	Reach	Ibovespa	Reach	Ibovespa	Reach	Ibovespa
Janeiro			-2,8%	-6,2%	-6,2%	-6,8%	8,3%	7,4%	6,5%	11,1%	12,2%	10,8%	-2,0%	-1,6%	-2,9%	-3,3%	4,1%	7,0%
Fevereiro			4,2%	10,0%	1,6%	5,9%	3,3%	3,1%	2,4%	0,5%	-1,4%	-1,9%	-7,1%	-8,4%	-1,0%	-4,4%	-3,0%	0,9%
Março			3,0%	-0,8%	1,8%	17,0%	0,4%	-2,5%	0,9%	0,0%	-1,6%	-0,2%	-37,0%	-29,9%	2,7%	6,0%	6,5%	6,1%
Abril			1,2%	9,9%	3,5%	7,7%	1,7%	0,6%	1,2%	0,9%	1,1%	1,0%	12,8%	10,3%	3,7%	1,9%		
Maio			0,3%	-6,2%	-0,4%	-10,1%	-0,4%	-4,1%	-5,6%	-10,9%	0,9%	0,7%	9,6%	8,6%	6,3%	6,2%		
Junho			1,3%	0,6%	-1,2%	6,3%	1,3%	0,3%	-5,2%	-5,2%	6,2%	4,1%	10,9%	8,8%	1,1%	0,5%		
Julho			-2,9%	-4,2%	5,8%	11,2%	5,4%	4,8%	3,4%	8,9%	3,3%	0,8%	9,9%	8,3%	-2,3%	-3,9%		
Agosto			-4,1%	-8,3%	1,6%	1,0%	7,7%	7,5%	-6,0%	-3,2%	0,1%	-0,7%	0,0%	-3,4%	-4,2%	-2,5%		
Setembro			-3,6%	-3,4%	2,0%	0,8%	3,9%	4,9%	2,3%	3,5%	2,2%	3,6%	-4,7%	-4,8%	-7,6%	-6,6%		
Outubro			3,9%	1,8%	6,5%	11,2%	0,6%	0,0%	10,4%	10,2%	2,4%	2,4%	-0,7%	-0,7%	-11,6%	-6,7%		
Novembro			3,9%	0,0%	-1,6%	-4,6%	-1,5%	-3,1%	2,4%	2,4%	3,8%	0,9%	13,8%	15,9%	-1,8%	-1,5%		
Dezembro	1,9%	-4,3%	-0,1%	-5,5%	0,3%	-2,7%	5,3%	6,2%	2,5%	-1,8%	12,1%	6,8%	5,7%	9,3%	1,2%	2,9%		
Ano	1,9%	-4,3%	3,8%	-13,3%	13,9%	38,9%	41,9%	26,9%	14,7%	15,0%	48,4%	31,6%	-1,6%	2,9%	-16,4%	-11,9%	7,5%	14,5%
Retorno Acumulado	1,9%	-4,3%	5,8%	-17,1%	20,5%	15,2%	71,0%	46,1%	96,1%	68,1%	191,0%	121,2%	186,3%	127,7%	139,2%	100,5%	167,2%	129,5%

*A partir de 01/12/2014



Reach FIA

157,2%

Rentabilidade Acumulada

* A partir de 01/12/2014

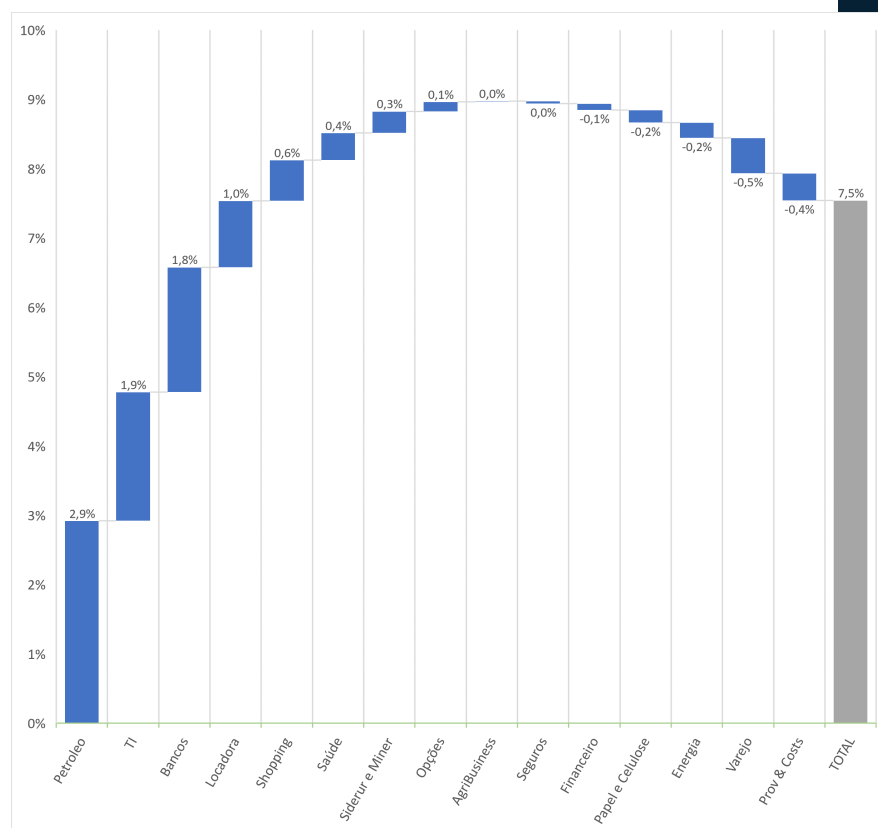
Ibovespa

129,5%

CDI

77,5%

Composição da cota- 1º Trimestre 2022



Alocação Setorial

Bancos	13,8%
Petroleo	12,3%
TI	10,3%
AgriBusiness	9,5%
Siderur e Miner	9,1%
Papel e Celulose	8,1%
Locadora	7,9%
Varejo	6,1%
Seguros	3,9%
Shopping	3,6%
Saúde	2,8%

Análise Estatística

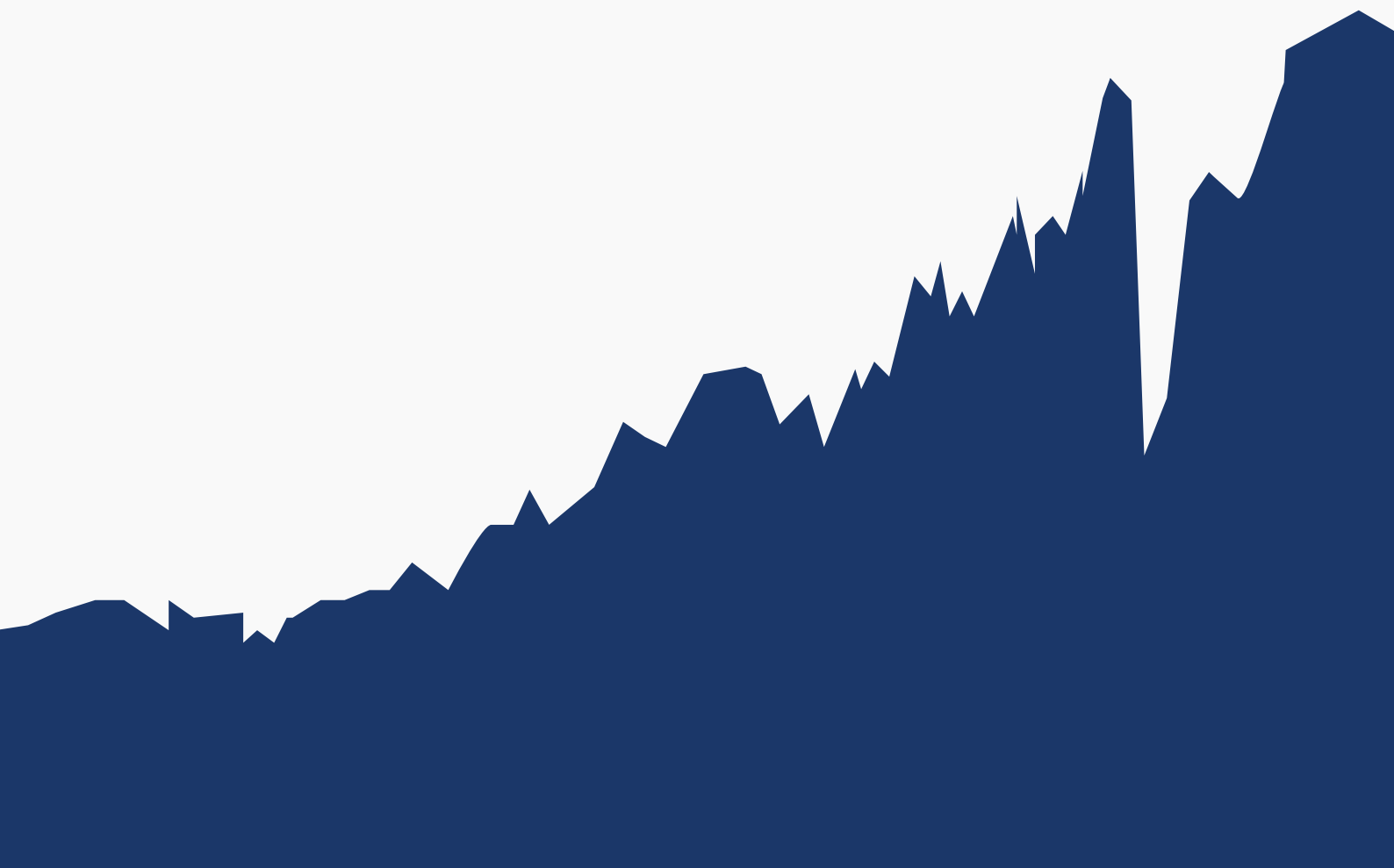
Valor da cota em 31-03-2022	2,5720705
Patrimônio Líquido	R\$ 81,5
PL médio 12 meses	R\$ 103,2
Retorno anualizado desde o início	16,0%
Desvio padrão anualizado desde o início	24,9%
Meses positivos	56
Meses negativos	31
Maior retorno mensal	13,8%
Menor retorno mensal	-37,0%

Informação Legal

Gestor	Reach Capital Investimentos LTDA
Administrador	BTG Pactual Serviços Financeiros S.A. DTVM
Custódia e controladoria	Banco BTG Pactual S.A
Auditor	EY
Domicílio	Brasil
Início	01 de Dezembro de 2014
Moeda base	Reais (R\$)
Ativos sob gestão	327 mi

Características

Taxa de administração	1,66% a.a.
Taxa de performance	20% do que exceder o benchmark
Benchmark	Ibovespa
Aplicação inicial	R\$ 1 mil
Movimentação mínima	R\$ 1 mil
Horário para movimentação	15h00
Prazo de cotização para resgate	D+30 (corridos)
Prazo de liquidação para resgate	Cotização + 2DU
Imposto de renda sobre o ganho de capital	15,0%
ISIN: BRMGNOCTF007	Bloomberg: MOGNFIA BZ Equity



Contato

Tel.: 11 2348-0100
Rua Iguatemi, 192 - cj. 63
Itaim Bibi - São Paulo/SP
CEP 01451-010

2014 ————— 2021

** A ilustração desta página representa a performance histórica da Reach nessa escalada que iniciamos em 2014.*

www.reachcapital.com.br